

LUIZA LOBO, *Guia de escritoras da literatura brasileira*. Rio de Janeiro, Editora Faperj/ Eduerj, 2006

### **Márcia Cavendish Wanderley**

"Intensivo", foi o termo utilizado por Luiza Lobo para definir o cuidadoso trabalho de pesquisa exigido na reunião e apresentação de 36 das nossas mais representativas romancistas, contistas e poetas, concretizado agora no livro *Guia de escritoras da literatura brasileira* publicado com o apoio da FAPERJ/Eduerj, no Rio de Janeiro em 2006. Pesquisadora incansável (este é o seu sexto livro de ensaios a que se somam inúmeros artigos publicados em revistas especializadas), ficcionista original e tradutora de títulos da importância de *Passeio ao farol*, de Virgínia Woolf, Luiza tem já uma produção respeitável em todas estas áreas, mas não está satisfeita.

Sua curiosidade intelectual e sua capacidade de trabalho anunciam que nos brindará com novos títulos, a exemplo do já lançado pela Rocco, *Segredos públicos*, uma análise atualíssima sobre um *blog* feminino da internet. O *Guia de escritoras da literatura brasileira*, entretanto, é livro de natureza diversa. É resultado de um trabalho que demandou longo tempo. Mais de dez anos, segundo nos informa a própria autora, foram necessários para a coleta e análise dos dados que lhe permitiram construir os verbetes (que incluem bibliografias "das" e "sobre" as autoras, além dos resumos das principais obras) tão completos quanto possível, sobre cada uma das escritoras, transformando-os em pequenas "estórias de vida", em que estão presentes as influências literárias que sofreram e a atuação política que lhes foi possível desempenhar no cenário nacional das lutas políticas e feministas.

E feminismo, (e não feminino) significando as ações sociais da mulher como ser autônomo e produtora de bens simbólicos, isto é, a mulher como sujeito da própria escrita e da própria história, foi o conceito utilizado para realizar a seleção das autoras, escolha esta apoiada principalmente nos critérios da recepção crítica e na qualidade dos textos produzidos. O resultado foi o estabelecimento de um "cânone", que coincide com o elenco apresentado pelo livro, mas que a pesquisadora não considera como único ou excludente de outras autoras.

Afastando-se dos perigos do impressionismo e da avaliação puramente subjetiva, apóia-se em dados concretos para delimitar o universo do seu cânone e decide iniciá-lo, a partir do romance *Úrsula* (1858), escrito por uma negra de fortes tendências abolicionistas, Maria Firmina dos Reis, no Maranhão, considerando-o como o primeiro escrito e publicado por uma mulher no Brasil; e termina por estendê-lo até os anos 1970, em que a consciência da forma de expressão literária é já a tônica dominante da produção literária feminista. Dentro deste longo período de 1857 a 1970, alinham-se as 36 autoras selecionadas por Luiza, um elenco restrito para tão longo tempo, constituindo-se, assim, no universo não "extensivo" mas "intensiva-

mente trabalhado”, resultante não apenas de uma seleção criteriosa mas também, acredito, do fato de que a produção literária feminista no Brasil foi pequena durante um largo espaço de tempo, vindo a intensificar-se apenas a partir dos anos 70 do século XX, exatamente a data limite estipulada por Luiza Lobo para encerrar o seu levantamento. O fato de ter encerrado suas pesquisas nos anos 1970 pode assim ter sido uma das razões deste cânone relativamente exíguo diante da grande quantidade de textos literários produzidos a partir destes anos e de que novas autoras surgidas no cenário da literatura nacional de importância semelhante às anteriores, a exemplo de Márcia Denser e Marilene Felinto, e da própria autora deste *Guia*, (a Luíza Lobo, romancista e contista), estejam ausentes.

Certamente farão parte de uma nova antologia de autoras construída a partir desta data. E se esta é uma tarefa que alguém retomar, esperamos que o faça com a mesma competência demonstrada por Luiza neste trabalho que cresce mais ainda em importância pelo estudo introdutório a ele acrescentado. Nele acompanha os textos das escritoras feministas em várias etapas e simultaneamente persegue os deslocamentos do conceito de feminismo ao longo dos anos, apontando as tendências e perplexidades da crítica feminista na análise de um sujeito até bem pouco tempo visto por uma perspectiva essencialista e indiscutível: a da naturalidade da condição feminina.

“Sem dúvida, é o próprio conhecimento do objeto estético, ou seja, o convívio com a produção das autoras, que nos permitirá uma renovação na história das mentalidades em que circulam novos conceitos sobre a literatura de escritoras brasileiras”, disse ela, enquanto vai pontuando seu texto com as constatações atingidas a partir desta intimidade com o universo examinado: conclusões como as de que a maioria das escritoras brasileiras é branca, sendo a participação das negras ainda incipiente. Que quase todas são originárias da classe média (apenas uma foi vista como proletária, Carolina de Jesus), e principalmente que a maioria delas não aborda, em suas obras, temas políticos e sociais, mantendo-se a temática preferencial em torno do privado e do doméstico, freqüentemente focado com discurso intimista e subjetivo. Entretanto, embora restrita ao tratamento do universo privado, as reivindicações feministas sempre estiveram presentes de forma subliminar nesta literatura. Se o universo do público e do político, e as questões da cidadania eram pouco tratados, talvez fosse por que a mulher muito tinha a falar de si mesma, após tantos séculos de silêncio.

Algumas exceções foram mencionadas, como é o caso da mesma Carolina de Jesus, (*Quarto de despejo*), Patrícia Galvão (*Pagu, Parque industrial*), Rachel de Queiroz (*O quinze*), notadamente ativistas, além de Lygia Fagundes Telles, Clarice Lispector e Tânia Faillace, que episodicamente abordaram temas sociais em seus romances *As meninas*, *A hora da estrela* e *Vera/Mario*. Na poesia, o fator metafórico determinou uma abordagem subjetiva e transcendente, e o discurso da sublimação será predominante em Cecília Meireles, Gilka Machado, Henriqueta Lisboa e Marly de Oliveira.

A partir dos anos 1970, a interiorização psicológica dos textos assume novas formas e Luiza Lobo já percebe isto em Ana Cristina César que, seguindo a linha do erotismo inaugural, aberta timidamente por Gilka Machado, utiliza-o enquanto instrumento simbólico de corrosão do texto. A linguagem do corpo passa a ser um manifesto de revolução sexual e feminista, e Ana Cristina é citada como uma autora que oferece o próprio corpo em holocausto: “é no texto do próprio corpo que se inscreve a cena de sua liberação, como nos lembra Foucault”, disse ela a respeito. Todas estas, segundo Luiza, são formas feministas de expressão nem sempre explícitas, mas incontestavelmente submersas nos textos escritos por estas mulheres.

A questão da seleção das autoras é também mais uma vez abordada por Luiza Lobo neste ensaio que explica que o termo cânone não deve, em literatura, “ligar-se ao critério do sagrado, intocável, como na sua origem etimológica, mas ser visto a partir da interpretação do momento histórico do texto, e de sua recepção no presente; não como um veredicto definitivo sobre o real, mas como um mapa, uma cartografia ou quem sabe uma “geografia do poder”, na expressão de Guillen Rose. Assim, explica ela que adotou principalmente critérios objetivos na construção do seu cânone. Critérios ligados à recepção do texto – teoria desenvolvida por Iser e Jauss a partir de 1968 na Alemanha – e também ao discurso feminista a ele subjacente. Uma afirmação que será fácil constatar se consultarmos os verbetes das escritoras selecionadas, quando se percebe que são todas críticas a respeito da condição social das mulheres em maior ou menor grau, e quase todas detentoras de extensa fortuna crítica. Mas a estes critérios, sem dúvida, acrescentou o da originalidade da descoberta. Em primeiro lugar, a de Maria Firmina dos Reis como a primeira mulher realmente brasileira a ter um romance (*Úrsula*) publicado aqui mesmo no Brasil, destronando Tereza Margarida da Silva e Orta ou Horta, de um título que não lhe era devido, pois ela apenas nasceu em terras brasileiras e foi levada para Portugal ainda novinha, tendo lá vivido durante toda a vida e publicado todos os seus livros. Outra descoberta foi a de Ana Eurídice Eufrosina de Barandas (Porto Alegre, 1802), com a curiosa obra *O ramallete; ou flores escolhidas no jardim da imaginação*, de 1845, que se encontra hoje na Seção de Obras Raras da Biblioteca Nacional. “Não se trata de um romance, gênero que nem estava delineado no Brasil da época, mas de uma coletânea de poemas, aforismos e pensamentos.” Talvez um tipo de literatura de preferência feminina, bastante intimidada ainda naquela época para alçar-se a vãos maiores. Destes e de outros aspectos peculiares das vidas de nossas escritoras seremos testemunhas ao percorrermos os verbetes deste *Guia*. Saberemos, por exemplo, que Cecília Meireles teve um marido suicida e que viajou à Índia para um simpósio sobre Gandhi a convite de Nehru, em 1953, onde foi agraciada com o título de Doutor Honoris Causa. Desta viagem, nasceram *Poemas escritos na Índia* e *Elegias a Gandhi*; que Clarice Lispector, na infância, estudou no Grupo Escolar João Barbalho, em Recife, e por questão de apenas algumas gerações a menos, poderia ter sido minha colega de classe. Aliás, uma questão complicada é a da idade real na biografia de Clarice, esta que é, talvez, a mais realizada e consagrada escritora da literatura brasileira. Cada documento traz uma data diferente para marcar seu nascimento. A

certidão de idade pernambucana tem a data correta, 10 de dezembro de 1920, a carteira de trabalho já lhe tira um ano de vida, com data de nascimento em 1921, mas no passaporte seu nascimento está datado de 7 anos depois, 1927. Mistérios de Clarice, dirão alguns, mas o fato é que todos estes dados interessam e muito aos estudiosos, para o conhecimento destas mulheres que, embora poderosas na mente e na capacidade criativa, tiveram suas fragilidades. Não femininas, como estas eram vistas antigamente, mas fragilidades inerentes, na verdade, a todos os seres humanos.